



Fonte: revista "Domingo" do jornal Correio da Manhã, de 07Out2012

**“O herói das mil batalhas”**

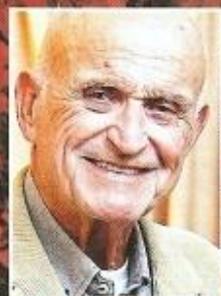
**Herói da Guerra do Ultramar**

**“Uma vida sempre no fio da navalha”**

**“O eterno guerreiro”**

ALPOIM CALVÃO, UMA VIDA  
SEMPRE NO FIO DA NAVALHA  
Entrevista e pré-publicação da  
biografia de um militar muito polémico

# O herói das mil batalhas



ALPOIM CALVÃO, DUAS CRUZES  
DE GUERRA NA GUINÉ, CONTA A SUA  
VIDA DE COMBATENTE

CM (Domingo) 07 Out 2012

# O eterno guerreiro

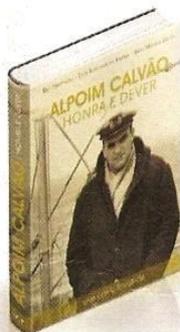
HERÓI DA GUERRA EM ÁFRICA, ALPOIM CALVÃO FOI BOMBISTA DO MDLP NO PÓS-25 DE ABRIL. CONTA EM LIVRO UMA VIDA DE BATALHAS

**C**

om apenas um ano de idade, Guilherme Almor de Alpoim Calvão deixa para trás a sua Chaves natal e parte com os pais para Moçambique. Ganha em África o gosto pelo mar. Descendente de uma família de militares, Alpoim toma para si o chamamento da farda e nunca quis outra coisa que não fosse a Marinha. “Aprendi a nadar aos quatro ou cinco anos nas praias de Lourenço Marques e interessava-me por navios. Lembro-me ver os avisos de primeira classe a passar. Quando passei para o sexto ano, escolhi a alínea

F do curso, que era a que dava acesso à carreira militar”, conta na entrevista à **Domingo**.

Quando a Guerra Colonial rebenta em Angola, em 1961, Alpoim está colocado nos submarinos. Percebe que nunca seria mobilizado para a guerra, como tanto desejava, se continuasse nos submersíveis. Pede então para ser transferido para os fuzileiros. Em menos de um ano, está a comandar um destacamento na Guiné – onde se notabiliza pela destreza em combate. Ao longo da Guerra Colonial, Alpoim Calvão recebe as mais altas condecorações por feitos em combate: tem uma insígnia da Torre e Espada e duas Cruzes de Guerra. Na segunda comissão na Guiné, já sob as ordens do comandante-chefe António de Spínola, assume o comando das operações especiais. Protagoniza



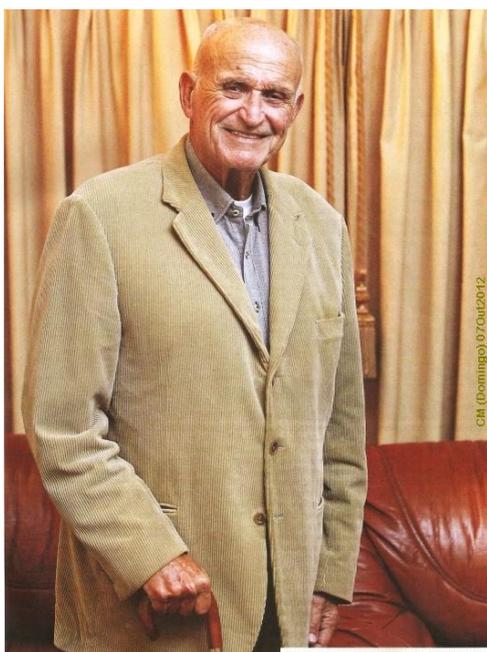
**Alpoim Calvão, Honra e Dever**  
DE RUI HORTELÃO,  
LUÍS SANCHES  
DE BAÊNA E ABEL  
MELO E SOUSA  
Editado pela Caminhos Romanos.  
Apresentação no dia 11, na Sociedade de Geografia de Lisboa.

CM (Domingo) 07Out2012

Texto **José Carlos Marques**

ações espectaculares, como a operação ‘Mar Verde’, em que toma de assalto a capital da Guiné-Conacri para libertar 24 prisioneiros portugueses.

De regresso a Portugal, Calvão chega a comandante da Polícia Marítima. Em 1974, é convidado para se juntar ao Movimento dos Capitães, que fariam o 25 de Abril. Recusa entrar no golpe porque os militares “não tinham definido o futuro do Ultramar”. É o início da luta contra a esquerda. Combate o PCP à bomba: acredita que “Portugal corria então o risco de se tornar um país comunista” – e assume-se como o cérebro operacional do MDLP. Exilado após o golpe falhado de 11 de Março de 1975, inicia uma carreira empresarial no Brasil e na Guiné – Bissau. Hoje, aos 75 anos, com três filhos e sete netos, diz-se “um homem em paz”. ☺



FOTOGRAFADO QUARTA-FEIRA NA SUA CASA EM CASCAIS

# Alpoim Calvão

## “TINHA ÂNSIA DE COMBATER”

EM 1963 QUIS IR PARA A GUERRA NA GUINÉ. ONZE ANOS MAIS TARDE, PUNHA BOMBAS EM PORTUGAL

CM (Domingo) 07Out2012



**Em 1970, liderou a invasão de Conacri, na operação ‘Mar Verde’. Queriam eliminar o presidente Sékou Touré?**

Não, o Touré era um alvo de passagem, como seria o Amílcar Cabral ou outro dirigente, mas não estavam na cidade. Os objectivos eram libertar os 26 prisioneiros portugueses que aí estavam detidos e afundar as lanchas do PAIGC. Se por acaso apanhássemos algum tipo desses, era um bônus e seriam mortos. Ocupámos quase todos os pontos planeados. Capturei a Guarda Republicana toda, com o furriel Marcelino da Mata, que teve uma acção heróica. A pri-

**Onde estava colocado quando a guerra começou em Angola, no ano de 1961?**

Estava na Direcção do Serviço de Submarinos da Marinha, encarregado do grupo de mergulhadores da Armada e com especialização em submarinos.

**Como foi a sua mobilização para a Guerra Colonial?**

Quando se começou a desenhar a possibilidade de haver problemas nos territórios ultramarinos, a Marinha começou a preparar-se. Criou-se um corpo de desembarque que deu origem a uma nova classe da Marinha, os fuzileiros. Tentei sair dos submarinos, mas o comandante não me deixava. Expliquei então ao almirante Reboredo, chefe do Estado-Maior da Armada, que não me sentia bem, tendo a possibilidade de combater, estar num serviço que tão cedo não ia entrar em combate. O almirante deu-me ordem de transferência para os fuzileiros, onde fui tirar o curso. Mas expliquei claramente que queria combater na Guiné-Bissau.

**Porquê a Guiné-Bissau?**

Era o cenário ideal para os fuzileiros. Havia muitos rios, água, grandes extensões. Tinha ânsia de combater, um desejo real de conhecer o que era a guerra. Cheguei à Guiné em 1963, quatro dias depois de acabar o curso. Aos 26 anos, casado e pai de um filho, era primeiro-tenente.

Na primeira comissão, de 1963 a 65, comande o destacamento nº 8, com 75 homens.

**Quando conheceu Spínola?**

Conheci o então general António de Spínola, comandante-chefe e governador da Guiné, logo quando cheguei à Guiné-Bissau em 1969 para a minha segunda comissão. Fui colocado a comandar o COP 3 a norte em Bigene. Tínhamos uma actividade constante de assaltos, operações, golpes de mão, patrulhas nos rios. Depois fiquei a chefiar as operações especiais no território.

**Spínola alterou a estratégia da guerra. O que mudou?**

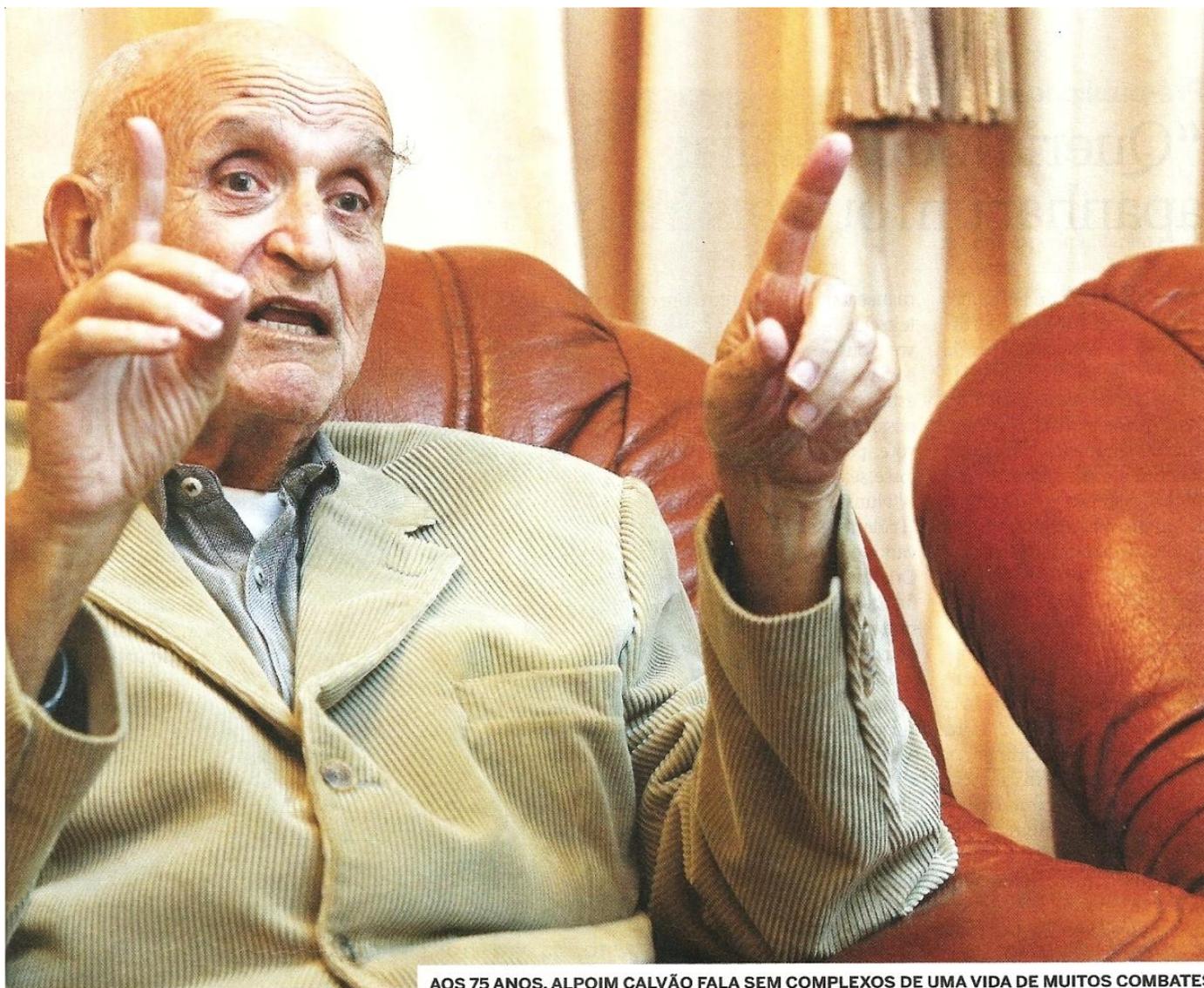
A guerra teve uma continuidade, mas Spínola tornou-a mais agressiva. Intensificou as operações, mas também o apoio às populações, que gostavam de Spínola. Ele aparecia de helicóptero fosse onde fosse, impetuosamente fardado, com o monóculo e o pingalim. Conheci dois outros comandantes-chefes na Guiné. Louro de Sousa era um bom oficial do Estado-Maior, mas não tinha jeito nenhum para comandar as tropas. Arnaldo Schulz era muito inteligente, mas levava as coisas com mais calma. Com Spínola, para a frente é que era o caminho. Nos tempos de Schulz, fazia operações no sul em que entrava na Guiné-Conacri e ele chegou a suspender os movimentos. Só pude realizar esse tipo de operações com o Spínola.

**“Tendo a possibilidade de combater, não queria estar num serviço que tão cedo não o iria fazer”**

**“Spínola tornou a guerra mais agressiva. Intensificou as operações, mas também o apoio às populações”**

**“Os objectivos [da operação ‘Mar Verde’] eram libertar os 26 prisioneiros portugueses e afundar lanchas do PAIGC”**

**Quem matou Amílcar Cabral foi Inocêncio Kani, líder da Marinha do PAIGC. Matou Cabral com um tiro no fígado**



VICTOR MOTA

AOS 75 ANOS, ALPOIM CALVÃO FALA SEM COMPLEXOS DE UMA VIDA DE MUITOS COMBATES

CM (Domingo) 07Out2012

são foi tomada à força de bazucas, que derrubaram os muros. **Os portugueses tiveram alguma coisa a ver com a morte de Amílcar Cabral, em 1973?**

Não. Toda a gente sabe quem matou o Amílcar Cabral. Dentro do PAIGC havia rivalidades terríveis e eles resolviam a coisa matando-se uns aos outros. Havia um ódio grande entre eles. Quem matou Amílcar Cabral foi Inocêncio Kani, que era o líder da Marinha deles. Matou Cabral com um tiro no fígado. **Pouco antes do 25 de Abril de 1974, foi convidado para pertencer ao Movimento dos Capitães. Porque recusou?**

**“O Movimento dos Capitães não sabia qual a posição a tomar sobre as províncias ultramarinas”**

**“Posso garantir que, depois do 25 de Novembro de 1975, não pusemos nem mais uma bomba”**

Por causa do Ultramar. Foram a minha casa explicar-me o que pretendiam, mas não sabiam qual a posição a tomar sobre as províncias ultramarinas. E eu disse-lhes logo que assim não contavam comigo. A partir daí, entrei num combate constante contra o ‘25/A’ que dura até hoje. Depois do 11 de Março [golpe liderado por Spínola em 1975, que fracassou], saí para Espanha, onde fundámos o MDLP.

**O MDLP pôs bombas e destruiu sedes do PCP. Como recorda esses tempos?**

A organização era difícil, muita gente andava a pôr petardos por razões pessoais. Mas posso ga-

rantir-lhe que, depois do 25 de Novembro de 1975, não pusemos nem mais uma bomba. Até lá, foram todas da minha responsabilidade, mas depois disso o movimento foi extinto. O regime entrou na normalidade, com eleições marcadas, era tempo da luta política.

**Essas bombas deixam-no dormir descansado?**

Descansadíssimo. A maior parte delas não fez mal a ninguém. Portugal corria o sério risco de se tornar um país comunista, era preciso agir. ☺

Pré-publicação

## “Queria todos os dias apanhar um ou dois inimigos”

**E**m 16 de Setembro de 1963, por portaria do ministro da Marinha, são criados os DFE nº 6, 7 e 855. O primeiro destinava-se a Angola, enquanto os outros dois tinham por objectivo reforçar o dispositivo da Marinha na Guiné, onde o conflito se agudizava e assumia um carácter cada vez mais violento. [...] Para comandar o DFE8, é nomeado o primeiro-tenente Alpoim Galvão, que, tendo entretanto terminado o Curso de Fuzileiros Especiais, voltara a oferecer-se, desta vez, para uma comissão na Guiné. As motivações desta insistência explicou-as, mais tarde, o próprio no livro: “Sempre quis ir para a Guiné porque, devido à sua orografia, hidrografia, condições de terreno e clima, era o mais indicado para a actuação de fuzileiros. Acresce que tinha lido, em casa, vários relatórios e croquis feitos por um avô de minha mulher. Por decisão do CEMA [Almirante de Roboredo], fui nomeado comandante do DFE8, destinado à Guiné.” [pág. 53]

“Alpoim Galvão não mostrava grandes preocupações quanto à sua defesa pessoal. Usualmente armava de G3, mas muitas vezes optava por levar apenas uma pistola-metralhadora UZI, de origem israelita, oferecida por um homem da Direcção-Geral de Segurança (DGS), ou até mesmo uma simples pistola, e não costumava carregar com muitas munições. Entendia que a missão de um comandante não era estar deitado a dar tiros, como um simples atirador, mas sim per-

manecer de pé enquanto o tiro-teio chicoteava as copas das árvores ou ceifava o capim e lhe assobiava aos ouvidos. Procurava estar o mais protegido que fosse possível, qualquer tronco de árvore, por mais estreitinho que fosse, servia. (...)” [págs. 79/80]

“Numa das fases da operação ‘Tridente’ seguia como observador o capitão-tenente Melo Cristino, director de instrução da Escola de Fuzileiros, que, nunca tendo participado em qualquer campanha, pretendia sentir ao vivo o comportamento das unidades em combate, razão por que entendera visitar o teatro de operações da Guiné e fizera questão em acompanhar pessoalmente uma acção. Nessa ocasião, quando algumas secções do DFE8 progrediam na retaguarda de um pelotão de pára-quedistas, a Unidade caiu debaixo de fogo inimigo, responsável por duas

**“Sempre quis ir para a Guiné porque era o mais indicado para a actuação dos fuzileiros”**

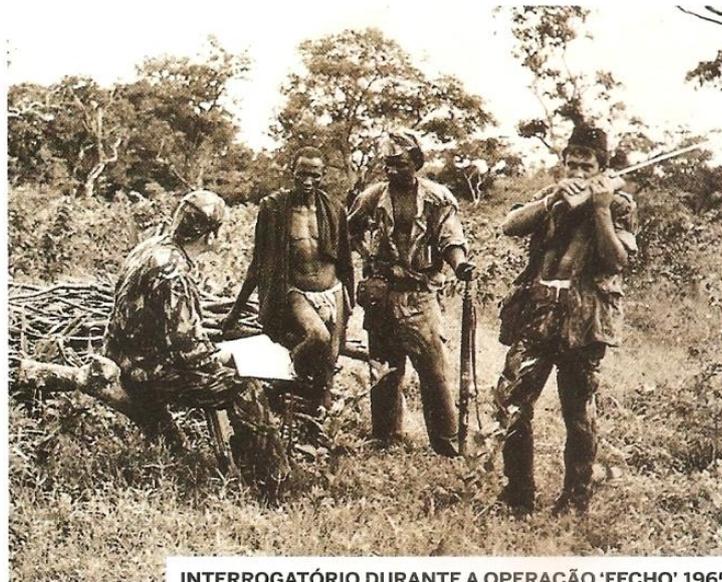
Citação de Alpoim Galvão

**“A operação ‘Tridente’ serviu como ‘laboratório’ ao DFE8. Nela se afinaram procedimentos e se experimentaram novas tácticas”**

CM (Domingo) 07Out2012

baixas. Durante o intenso tiro-teio travado de seguida e enquanto o tenente Galvão de pé, como era seu hábito, simplesmente protegido pelo tronco de um coqueiro, procurava orientar a manobra dos seus homens, o comandante Melo Cristino, surpreendido pela violência do fogo e pela chuva de metralha que caía em seu redor, gatinha desorientado pelo chão em redor do coqueiro sem saber muito bem o que fazer, procurando encontrar um abrigo seguro que lhe garantisse protecção. A admiração e o respeito que passou a sentir pela coragem de Alpoim Galvão e dos seus fuzileiros deixou de conhecer limites. Ele mesmo confessava com regularidade o “cagaço” que tinha apanhado (...)” [págs. 79/80]

“A operação ‘Tridente’ serviu como ‘laboratório’ ao DFE8. Nela se afinaram procedimen-



INTERROGATÓRIO DURANTE A OPERAÇÃO ‘FECHO’, 1965



## Comandante Alpoim Galvão



MOCIDADE PORTUGUESA 1952. AO CENTRO, COM OTELO QUE DESCASCA BATATAS

FOTOS DIREITOS RESERVADOS



COM A FAMÍLIA EM MADRID (1975)



PRIMEIRO-TENENTE

CM (Domingo) 07Out2012

tos e se experimentaram novas táticas, nela se adquiriram a endurance e a tenacidade indispensáveis para o que ainda os esperava, testaram a força de vontade e cimentaram a amizade, a camaradagem e o espírito de corpo. E Alpoim Galvão assumiu para si mesmo um objetivo para aquela guerra: queria todos os dias apanhar um ou dois inimigos” [pág. 84]

“Felizmente, não era só de guerra que se vivia na Guiné. Quando se encontravam na cidade, os fuzileiros procuravam entreter-se conforme os seus interesses pessoais: uns a petiscar ostras e a beber cerveja Cristal, no “Zé da Amura”; outros recompondo-se das rações de combate com o frango à cafreal nos restaurantes da cidade; outros ainda deambulando pelo Altocrim à procura de negras, crioulas ou brancas que a troca de “patacão” ou por gosto lhes proporcionassem momentos de prazer ou passando as noites na animação do Chat Noire, que muitas vezes, quando o sangue fervia – e para isso bastava um militar sentir-se humilhado ou ver a sua unidade achincalhada – acabavam em pancadaria da grossa” [págs. 94/95]

“Na Guiné, ainda antes da independência e à medida que as Forças Armadas portuguesas retiram, explode o sentimento de vingança do PAIGC contra os seus concidadãos que estiveram ao lado de Portugal, e começam os assassinatos. A primeira vítima é o tenente Abdulai Queta Jamanca, que pertencera à 1ª Companhia de Comandos africanos e participou na operação ‘Mar Verde’, um herói condecorado pelo general Spínola [pág. 415]. ◉